

■ O que as crianças camponesas têm a dizer?

What children from the countryside have to say?

 Francisca Rayllyne Cardoso *
Lucimara Gomes Oliveira de Moraes **
Ingrid Dittrich Wiggers ***

Resumo: Esta resenha tem por objetivo apresentar a obra “Ser Criança Camponesa no Cerrado”, publicada em 2021, pela editora CRV. Ao longo de 194 páginas, a autora Jaciara Leite sistematiza e analisa informações relevantes para a compreensão histórica, política, social e cultural da Comunidade do Sertão, situada em Alto Paraíso, no estado de Goiás. Fazendo aproximações sobre os sentidos e significados da educação do campo e da infância para as crianças dessa comunidade, o livro representa ainda o fazer teórico, reflexivo e interdisciplinar sobre uma realidade pouco apresentada nas produções acadêmicas. O percurso metodológico orientou-se pelo materialismo histórico-dialético com análises tecidas com base nas categorias de contradição, historicidade e totalidade, articulando-se com os aportes teóricos da Educação do Campo, da Sociologia da Infância e dos Estudos do Corpo. Tornando-se único por ter sido construído com a escuta das vozes de crianças camponesas, que se apropriam e ressignificam a todo tempo o ambiente em que se encontram, o livro revela a urgência em vencer a invisibilidade dessas crianças, tanto nas produções acadêmicas quanto nas políticas de educação pública do campo. Constitui-se leitura indispensável para todos que estudam a infância, o corpo e a educação.

Palavras-chave: Criança sertaneja. Educação. Pesquisa com crianças.

Abstract: This review aims to present the work “Ser Criança Camponesa no Cerrado”, published in 2021, by publishing house CRV. Over 194 pages, the author Jaciara Leite systematizes and analyzes information relevant to the historical, political, social and cultural understanding of the Sertão Community, located in Alto Paraíso, in the state of Goiás. Making approximations about the senses and meanings of rural education and childhood for the children of this community, the book also represents the theoretical, reflective and interdisciplinary work about a reality rarely presented in academic productions. The methodological course was guided by the historical-dialectical materialism with analyzes based on the categories of contradiction, historicity and totality, articulating with the theoretical contributions of Rural Education, Sociology of Childhood and Studies of the body. This work is unique because it was built by listening to the voices of peasant children, who appropriate and resignify the environment in which they find themselves at all times, the book reveals the urgency of overcoming the invisibility of these children, both in academic productions and in public education policies in the field. It is essential reading for all who study childhood, the body and education.

Keywords: Countryside child. Education. Research with children.

* Francisca Rayllyne Cardoso é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: fran.rayllyne@gmail.com

** Lucimara Gomes Oliveira de Moraes é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Brasília. Mestre em Educação pela UnB. Contato: lucimaramoraished@gmail.com

*** Ingrid Dittrich Wiggers é professora titular da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora do Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. Contato: ingridwiggers@gmail.com

A obra “Ser Criança Camponesa no Cerrado” (Figura 1) pode ser lida pelas letras e pelas imagens. Essas últimas têm uma função estruturante no livro e não estão subordinadas às palavras, pois se apresentam como uma forma de comunicar aquilo que não pode ser escrito, mas visto e sentido. Como o livro trata da escuta de crianças camponesas, as imagens, ora fotografias, ora desenhos, representam uma forma de escuta das vozes das crianças. Tal escolha metodológica revela o compromisso político da autora em registrar essas vozes produzidas nas infâncias. Cabe ressaltar que a escuta das crianças em pesquisas acadêmicas constitui um direito, o qual nem sempre é concretizado (FERNANDES; SIQUEIRA, 2020; MORAIS; WIGGERS, 2021).

Nesse sentido, começaremos a análise da obra pela capa. Ilustrada por uma fotografia feita pela autora, Jaciara Leite, as cores da capa do livro remetem ao Cerrado no período da seca e seguem uma paleta de cores que se inicia com o avermelhado do céu ao amarelo, que lembra as flores dos ipês. Na foto as crianças aparecem brincando, expressão infantil de máxima relevância, todas no escorregador, aglomeradas ao final da rampa, expressando gargalhadas e feições de diversão. É como se esquecessem as cenas vivenciadas nas duras horas vencidas no ônibus escolar, que as busca nas mais diferentes regiões, muitas vezes antes do primeiro raio de sol. Na brincadeira é diferente, há risos durante o imobilismo e os corpos amontoados na rampa parecem construir uma cultura de pares no que diz respeito ao movimento (COR-SARO, 2001). Ao fundo da foto está o ônibus escolar que possibilita a locomoção das crianças nos longos percursos enfrentados entre casa e escola e vice-versa.

A obra se organiza em três capítulos, e o primeiro foi intitulado como “Viagem de ida, viagem de volta: sutilezas da pesquisa com crianças camponesas”. Nele, a autora reflete sobre o percurso metodológico, o cotidiano da investigação no campo e os instrumentos que foram utilizados. O trabalho de investigação acadêmica orienta-se pelo materialismo histórico-dialético e as análises foram tecidas com base nas seguintes categorias: contradição, historicidade e totalidade. A metodologia articulou-se com os aportes teóricos da Educação do Campo, da Sociologia da Infância e dos Estudos do Corpo. Dessa forma, o livro adentra a Comunidade do Sertão, compreendendo-a como um território camponês, que fica em Alto Paraíso de Goiás, município pertencente à Chapada dos Veadeiros-GO.

A construção dos vínculos com a comunidade, a observação participante, a fotografia e a entrevista foram escolhas da autora em acordo com as pessoas que habitavam o território pesquisado. O diálogo, o brincar e a escuta atenta e sensível se revelaram como fundamentais para as imersões no campo. Percebe-se o destaque dado aos desenhos das crianças como um instrumento

Figura 1



Fonte: Internet

metodológico potente, sendo compreendido como uma linguagem privilegiada de suas expressões. Os desenhos são textos visuais para serem sentidos, olhados e lidos, destaca Jaciara. A iconografia possibilitou o registro de tudo aquilo que escapava à escrita e à oralidade.

A infância é compreendida no livro como experiência humana, construída historicamente, localizada geograficamente e permeada culturalmente pelas contribuições intergeracionais. Dessa forma, a(s) criança(s) vive(m) a(s) infância(s). A autora acrescenta a importância da compreensão sobre o corpo ao refletir sobre a infância, uma vez que as crianças interagem e se desenvolvem corporalmente, apropriando-se e produzindo cultura. Essa produção cultural que se dá, sobretudo, a partir do brincar traz consigo elementos significativos da cultura de um povo e da sua história.

No segundo capítulo, que tem o título “Infâncias camponesas no Cerrado”, encontra-se a relação central e dialética entre as categorias: corpo, natureza, trabalho e cultura. O capítulo se inicia com a localização geográfica e histórica da comunidade e tem como subtítulos os dois seguintes grupos: Infância e Território; Crianças

camponesas e a relação com a natureza, cultura e trabalho. Esse esforço em cartografar o território revela o compromisso da pesquisadora em compreender as relações parte-todo na comunidade investigada.

Dessa forma, as características macro sobre o bioma Cerrado foram identificadas, bem como o processo de povoamento da região, emergindo desse processo a compreensão do “campo como um lugar de vida” que abriga infâncias “nesse território tão singular e tão plural” (LEITE, 2021). Para além da riqueza natural, ameaçada pelo avanço da exploração desenfreada do cerrado, a autora propõe demonstrar a dinâmica social dessa comunidade.

Sensivelmente, Leite (2021) discorre sobre a necessária valorização das populações camponesas em função da construção da soberania alimentar, por meio da agricultura familiar. A compreensão sobre o modo de trabalho e produção tornou-se fundamental para a análise sobre as infâncias da região, pois a socialização e consequente reprodução interpretativa experimentada pelas crianças foram forjadas na convivência comunitária, nas manifestações religiosas e culturais, e em seu envolvimento com o modo de sustento de suas famílias, no convívio com maquinário e nas tarefas domésticas.

Essa relação entre a cultura e o ambiente natural marca a construção das práticas corporais das crianças da região, de forma que as brincadeiras ali criadas determinam os brinquedos, o espaço-tempo e os integrantes. As estações do ano também refletem o cotidiano infantil e interferem nas atividades corporais das crianças observadas. Os desenhos retratam esse subtópico da pesquisa, expressando o vivenciado e o imaginado, e, o mais importante, transparecendo a concepção que as crianças têm desse universo.

O terceiro capítulo, intitulado “Educação do campo e infância camponesa”, dedicou-se à construção da compreensão histórica da Escola do Sertão, um polo articulador das atividades políticas, culturais e sociais da comunidade. Nesse espaço, o cotidiano infantil revelou crianças que enfrentam inúmeros desafios na luta pelo direito à educação, que segue ao lado das reivindicações de direito à terra, à água, ao trabalho. As viagens no ônibus escolar foram identificadas como uma das maiores dificuldades da Comunidade do Sertão, devido às condições da estrada e das longas distâncias: algumas crianças passam mais de cinco horas por dia confinadas para conseguirem usufruir o direito à educação escolar.

A escola do campo constitui-se como uma instituição essencial para essa comunidade, representando um lugar de encontros, de articulações, de vivência de direitos, apesar de suas limitações para o acesso. Ao ar livre, no território escolar, as crianças vivenciam a liberdade de explorar os espaços e de organizar suas próprias brincadeiras. Nele também elas formam grupos sociais,

estabelecem vínculos intergeracionais, constroem a reprodução interpretativa e a cultura de pares. Logo, é no brincar que as crianças vivenciam, por meio do corpo, sentidos e significados determinados socialmente e então refletem, à sua maneira, formas de compreendê-los e reproduzi-los (BARRETO; FREIRE; WIGGERS, 2021).

O terceiro capítulo aborda as produções culturais produzidas em grupos, nos quais o faz de conta ou jogo simbólico se estabeleceu como brincadeira predominante das crianças com idade entre 4 e 7 anos, enquanto o jogo, em suas diversas formas, como atividade importante para as crianças entre 8 e 12 anos. A dança também foi observada como movimento da cultura corporal na Escola do Sertão, manifestada na festa junina, desde os ensaios para as quadrilhas. Nessas, os laços comunitários eram renovados por meio da festa, do compartilhar no ambiente envolto pela cultura escolar. Esse capítulo retrata ainda a infância camponesa e o acesso a novas tecnologias, tendo se percebido que as crianças vêm se apropriando do uso da internet, ainda que de forma limitada.

As experiências vividas pelas crianças no campo expressam a potencialidade de desenvolvimento integral, apesar das muitas contradições oriundas das desigualdades de acesso aos direitos ameaçarem essa possibilidade. Compreende-se que a escola do campo, enquanto espaço educativo formal, deve considerar as experiências advindas das infâncias ali vividas, favorecendo e criando condições para que as crianças se desenvolvam de forma integral (OLIVEIRA; SILVA, 2021).

Logo, as crianças camponesas do cerrado reafirmam, por meio das experiências corporais em conexão com a natureza, que todo o território pode ser educativo, cheio de possibilidades e sentidos. As interconexões propostas e estabelecidas entre a Escola e a Comunidade do Sertão cumprem o papel de conectar crianças e jovens ao acesso da educação básica no campo. As crianças se relacionam e expressam profundo apreço pelo lócus habitado e continuam a desejar transformações pontuais e significativas, principalmente por perceberem, mesmo com tanta idade, que a instituição escolar é essencial para a socialização entre os pares e, consequentemente, para a produção cultural da infância camponesa.

Jaciara é doutora em educação pela Universidade de Brasília e atualmente professora adjunta na Faculdade de Educação da mesma universidade. Tem-se dedicado aos estudos sobre educação ambiental e educação do corpo. Seu livro revela uma urgência em vencer a invisibilidade dessas crianças, tanto nas produções acadêmicas como nas políticas de educação pública do campo, e ergue-se como um referencial teórico, com coerência e rigor metodológico, acerca da(s) infância(s) e da educação do campo. Constitui-se leitura indispensável para todos que estudam a interface temática “infância, corpo e educação”.

Referências

- BARRETO, A. C.; FREIRE, J. O; WIGGERS, I. D. Corpo e educação nos tempos e espaços da escola: o que as crianças evidenciam quando brincam. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 180-189, ago. 2021. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1212>>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011. E-book.
- FERNANDES, N.; SIQUEIRA, R. M. Introdução. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; SIQUEIRA, Romilson Martins (Orgs.). **A defesa dos direitos da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2020, p. 9-16
- LEITE, J. **A educação do corpo de crianças e jovens**: um estudo de caso no cotidiano de um abrigo. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- LEITE, J. **Ser criança camponesa no cerrado**. Curitiba: CRV, 2021. 194 p.
- MORAIS, L. O.; WIGGERS, I. D. **O direito à participação das crianças em pesquisas acadêmicas**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 40, 2021, Pará. **Anais...** Pará: ANPEd, 2021. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=21>. Acesso em: 27 out. 2021.
- OLIVEIRA, D. A.; SILVA, L. E. S. A criança-pesquisadora: caminhos possíveis para a educação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 13-19, ago. 2021. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1205>>. Acesso em: 28 jan. 2022.